



DASHIELL HAMMETT
O FALCÃO DE MALTA

tradução de
GONÇALO NEVES

LIVROS DO BRASIL

SPADE & ARCHER

Samuel Spade tinha o maxilar largo e anguloso, e um queixo saliente que fazia um V sob o V da boca, menos pronunciado. As narinas curvavam-se para trás, fazendo outro V mais pequeno. Os olhos cinzento-amarelados formavam uma linha horizontal. O motivo do V reaparecia nas sobrancelhas espessas, que despontavam de um par de rugas sobre o nariz adunco. O cabelo castanho-claro descia-lhe das têmporas altas e lisas. Tinha um semblante agradável, como um demónio louro.

Dizia a Effie Perine:

— Sim, minha linda?

Effie era uma rapariga esguia e bronzeada. Usava um vestido castanho de lã fina que se lhe colava ao corpo como se estivesse molhado. Tinha olhos atrevidos e um rosto luminoso de maria-rapaz. Acabou de fechar a porta por onde entrara, encostou-se a ela e anunciou:

— Está ali uma senhora para falar contigo. Chama-se Wonderly.

— É cliente?

— Julgo que sim. Seja como for, vais recebê-la de certeza: é uma brasa.

— Sendo assim, manda-a entrar — disse Spade. — Manda-a entrar.

Effie Perine voltou a abrir a porta, acompanhando o movimento desta para fora do gabinete de Spade e mantendo a mão na maçaneta.

— Faça favor de entrar, Miss Wonderly — convidou.

Ouviu-se um «Obrigada» muito baixinho, só perceptível devido à dicção impecável, e uma mulher jovem entrou no gabinete. Avançou devagar, com passos hesitantes, olhando para Spade com uns olhos azul-cobalto tímidos mas simultaneamente curiosos.

Era alta, esbelta e flexível, sem qualquer angulosidade. Tinha um porte altivo e seios firmes, pernas compridas e pés e mãos pequenos. Vinha vestida em dois tons de azul a condizer com os olhos. Usava um chapéu azul e o cabelo encaracolado era ruivo-escuro. Os lábios, carnudos, eram de um vermelho-vivo. Apresentava-se com um sorriso tímido, em que se destacavam dentes muito brancos.

Spade levantou-se, inclinou-se num cumprimento e indicou com um gesto das suas mãos fortes uma cadeira de braços de carvalho, que se encontrava ao lado da sua secretária. O detetive tinha à vontade um metro e oitenta de altura. A curva pronunciada dos ombros dava ao seu corpo um aspeto quase cónico e impedia que o casaco cinzento, acabado de passar a ferro, lhe assentasse bem.

— Obrigada — murmurou Miss Wonderly, novamente em surdina, e sentou-se na borda da cadeira.

Spade afundou-se na cadeira giratória, deu um quarto de volta para encarar a mulher e fez um sorriso amável. Sorriu sem separar os lábios, o que lhe acentuou todos os VV do rosto.

Através da porta fechada ouvia-se o matraquear das teclas, a pequena campainha e o sussurro abafado da máquina de escrever de Effie Perine. Algures num gabinete próximo, uma máquina movida a eletricidade vibrava pachorrentamente.

Na secretária de Spade, um cigarro torto ardia num cinzeiro de bronze cheio de beatas amassadas. O tampo amarelo da secretária, bem como o mata-borrão verde e os papéis que o cobriam estavam salpicados de farrapos de cinza de cigarro. Por uma janela com cortinados cor de camurça, aberta cerca de um palmo, entrava vinda do pátio uma corrente de ar que trazia um ligeiro cheiro a amoníaco e punha a cinza a voltear em cima da secretária.

Miss Wonderly observou a cinza que volteava. Os seus olhos refletiam inquietação. Estava sentada mesmo na borda da cadeira. Tinha os pés bem assentes no chão, como se estivesse prestes a levantar-se. As mãos, dentro de umas luvas escuras, apertavam uma mala lisa e escura no colo.

Spade puxou a cadeira para trás e perguntou:

— Em que posso ajudá-la, Miss Wonderly?

A rapariga susteve a respiração, olhou para ele, engoliu em seco e soltou algumas palavras atabalhoadas:

— O senhor poderia...? Eu estava a pensar que... eu... quer dizer... — Torturou o lábio inferior com os dentes cintilantes e acabou por se calar. Só os olhos escuros falavam agora, suplicando.

Spade sorriu e acenou com a cabeça, dando a entender que a compreendia. Foi um gesto amigável, como se não estivesse em jogo nada sério. Sugeriu então à rapariga:

— E se me contasse tudo desde o princípio, para vermos o que é preciso fazer? É melhor recuar no tempo o mais que puder.

— Foi em Nova Iorque.

— Sim.

— Não sei onde é que ela o conheceu. Quer dizer, não sei em que sítio de Nova Iorque é que foi. Ela é cinco anos mais nova que eu, só tem dezassete, e não tínhamos amigos comuns. Acho

que nunca tivemos aquela intimidade que seria de esperar entre irmãs. Os nossos pais estão na Europa. Morriam se soubessem. Tenho de a trazer de volta antes que eles regressem.

— Sim — proferiu Spade.

— Vão regressar no dia um do mês que vem.

Os olhos de Spade cintilaram.

— Então temos duas semanas — disse o detetive.

— Não sabia o que é que a minha irmã tinha feito, até que chegou a carta dela. Fiquei desesperada. — Os lábios tremiam-lhe. As mãos esmagavam a mala escura que tinha no colo. — Tinha tanto medo de que ela tivesse feito uma coisa destas que não queria ir à polícia, mas o receio de que lhe tivesse acontecido alguma coisa instava-me constantemente a fazê-lo. Não havia ninguém a quem pudesse recorrer para me dar algum conselho. Não sabia o que havia de fazer. O que é que eu podia fazer?

— Nada, como é evidente — respondeu Spade. — Foi então que chegou a carta dela?

— Foi, e mandei-lhe um telegrama pedindo-lhe que voltasse para casa. Enviei-o para a posta-restante daqui. Foi a única morada que ela me deu. Esperei uma semana, mas não obtive qualquer resposta, nem soube mais nada dela. E o dia previsto para o regresso dos nossos pais estava cada vez mais próximo. Foi então que fui buscá-la a São Francisco. Escrevi-lhe a dizer que ia. Coisa que não devia ter feito, não é?

— Provavelmente, não. Nem sempre é fácil sabermos o que devemos fazer. Não a encontrou?

— Não, não a encontrei. Escrevi-lhe a dizer que ia ficar no St. Mark e pedi-lhe que fosse até lá para conversarmos, mesmo que não tencionasse voltar para casa comigo. Mas ela não apareceu. Esperei três dias, mas não apareceu nem se dignou a enviar qualquer mensagem.

Spade anuiu com a cabeça, franziu o sobrolho, solidário, e comprimiu os lábios.

— Foi horrível — confessou Miss Wonderly, esboçando um sorriso. — Não podia continuar sentada à espera, sem saber o que lhe tinha acontecido ou o que podia estar a acontecer-lhe. — Deixou de sorrir e estremeceu. — A única morada que eu tinha era a da posta-restante. Escrevi-lhe mais uma carta, e ontem à tarde fui aos correios. Fiquei lá até escurecer, mas não lhe pus a vista em cima. Hoje de manhã fui lá outra vez. Não dei com a Corinne, mas encontrei o Floyd Thursby.

Spade voltou a anuir com a cabeça. O sobrolho carregado deu lugar a um olhar atento e penetrante.

— Não me disse onde estava a Corinne — prosseguiu Miss Wonderly, desesperada. — Não me disse nada, a não ser que ela estava feliz e contente. Como é que eu podia acreditar numa coisa dessas? Ele não podia dizer outra coisa, não é?

— Claro — concordou Spade —, mas talvez seja verdade.

— Espero que seja. Espero mesmo! — exclamou a rapariga. — De qualquer maneira, não posso voltar para casa sem a ver, sem sequer falar com ela ao telefone. Ele não me levou aonde ela estava. Disse-me que ela não queria encontrar-se comigo. Não acredito. Prometeu que lhe ia dizer que tinha estado comigo e que, se ela quisesse, a trazia hoje à noite ao hotel. Disse-me que sabia que ela não vinha. Prometeu vir ele, se a Corinne não viesse. Ele...

Miss Wonderly levou a mão à boca, assustada, quando alguém abriu a porta.

O homem que abria a porta deu um passo em frente.

— Peço desculpa! — exclamou; com um gesto rápido, tirou o chapéu castanho da cabeça e recuou.

— Não faz mal, Miles — disse Spade. — Podes entrar. Miss Wonderly, apresento-lhe Mr. Archer, o meu sócio.

Miles Archer voltou a entrar no gabinete e fechou a porta. Fez uma ligeira vénia e sorriu para Miss Wonderly, ao mesmo tempo que acenava discretamente com o chapéu. Era de altura mediana, bem constituído, largo de ombros, pescoço grosso, com um rosto alegre e rubicundo, queixo saliente e o cabelo cortado à escovinha, já um tanto grisalho. Parecia tão entrado nos quarenta como Spade nos trinta.

— A irmã de Miss Wonderly fugiu de Nova Iorque com um tipo chamado Floyd Thursby — explicou Spade. — Estão por cá. Miss Wonderly já viu o Thursby e tem um encontro marcado com ele esta noite. É possível que ele traga a irmã, mas é pouco provável. Miss Wonderly queria que encontrássemos a irmã e a afastássemos do sujeito, para ela voltar para casa. — Spade encarou Miss Wonderly: — É isto?

— É — respondeu ela sem convicção. O rosto voltava a denunciar o embaraço inicial, que desaparecera aos poucos por obra e graça dos reconfortantes sorrisos, acenos e promessas de Spade. Nervosa, olhou para a mala que tinha no colo e cravou nela um dedo enluvado.

Spade piscou um olho ao sócio.

Miles Archer avançou e colocou-se junto a um canto da secretária. A rapariga tinha o olhar fixo na mala e ele não tirava os olhos castanhos e pequenos de cima dela. Fitou-a, com agrado, da cabeça aos pés e dos pés à cabeça e encarou Spade com um trejeito na boca, como se estivesse a assobiar em silêncio, em sinal de aprovação.

Spade, com a mão pousada no braço da cadeira, levantou dois dedos num curto gesto de aviso e comentou:

— Em princípio não há problema. É uma questão de termos um homem no hotel esta noite, para, quando ele sair,

segui-lo até ao sítio onde está a sua irmã. Se ela vier com ele e se você a convencer a voltar para casa consigo, tanto melhor. Caso contrário, se ela não o quiser deixar depois de a termos encontrado, bom, havemos de resolver o problema.

— Pois — enfatizou Archer com uma voz forte, firme e áspera.

Miss Wonderly olhou para Spade de relance, franzindo o sobrolho.

— Mas é preciso ter cuidado! — A voz dela tremulava e com o nervosismo as palavras saíam aos solavancos. — Tenho um medo de morte dele e do que ele pode fazer. Ela é tão nova, e trazê-la de Nova Iorque para aqui foi extremamente grave... Será que... Será que ele lhe pode fazer alguma?

Spade sorriu e tamborilou com os dedos sobre os braços da cadeira.

— Deixe isso connosco — disse. — Nós sabemos tratar dele.

— Mas será que ele...? — insistiu a rapariga.

— Pode sempre acontecer — respondeu Spade com formalidade. — Mas pode confiar em nós, que damos conta do recado.

— Confiar, confio — disse com ansiedade —, mas aviso já que se trata de um homem perigoso. Muito sinceramente, acho que nada o fará parar. Acho que não hesitaria em... em matar a Corinne, se julgasse que assim se salvava. Acham que era capaz?

— Não o ameaçou, pois não?

— Só lhe disse que queria trazê-la para casa antes que o pai e a mãe chegassem, para não saberem no que é que ela se tinha metido. Prometi-lhe que não lhes dizia nada do que se tinha passado, desde que ele me ajudasse; mas disse-lhe também

que, se não ajudasse, teria de se haver com o meu pai. Seja como for, acho que não me deu ouvidos.

— Será que ele pode casar com ela, para abafar a coisa? — questionou Archer.

A rapariga corou e respondeu, atrapalhada:

— É casado e tem três filhos em Inglaterra. Foi o que a Corinne me disse por carta, para explicar porque é que tinha fugido com ele.

— Normalmente têm filhos — comentou Spade —, mas nem sempre é em Inglaterra. — Inclinou-se para a frente para alcançar um lápis e um bloco de papel. — Faça o favor de o descrever.

— Tem para aí uns trinta e cinco anos, é da sua altura e é moreno, ou então está muito bronzeado. O cabelo é escuro e as sobrancelhas grossas. Tem um vozeirão da pior espécie e é bruto a falar, nervoso e irritadiço. Dá ideia de ser... agressivo.

Spade foi escrevinhando e perguntou-lhe, sem levantar a cabeça:

— E os olhos de que cor são?

— São azul-cinza, muito claros, mas nem por isso deixam de ser expressivos. Ah, lembrei-me agora: tem uma cova grande no queixo.

— Boa constituição, mediano, magro?

— Parece um atleta. É largo de ombros e anda muito direito. Tem uma postura tipicamente militar. Hoje de manhã, quando o vi, usava um casaco cinzento-claro e um chapéu cinzento.

— O que é que ele faz na vida? — perguntou Spade, pousando o lápis.

— Não sei — respondeu a rapariga —, não faço a mínima ideia.

— A que horas é o vosso encontro?

— Por volta das oito.

— Muito bem, Miss Wonderly, vamos destacar um homem para o local. Seria bom se...

— Mr. Spade, poderia ir o senhor ou Mr. Archer? — A rapariga fez um gesto suplicante com as duas mãos. — Podia ser um dos senhores a tratar do assunto pessoalmente? Não quero com isso dizer que o homem que iam destacar não estivesse à altura, mas é que tenho tanto medo de que possa acontecer alguma coisa à Corinne. Tenho medo dele. Será que podem? E claro que... que estaria disposta a pagar mais. — Abriu a mala com nervosismo e depositou duas notas de cem dólares em cima da secretária de Spade. — Será que chega?

— Certamente — disse Archer —, eu encarrego-me pessoalmente do assunto.

Miss Wonderly ergueu-se estendendo impulsivamente a mão.

— Obrigada! Obrigada! — exclamou apertando a mão a Spade. — Obrigada!

— De nada! — disse Spade. — É um prazer. Seria aconselhável que se encontrasse com o Thursby no rés do chão, ou que estivesse com ele no átrio um bocado, para serem vistos.

— Assim farei — prometeu a rapariga, agradecendo novamente aos dois sócios.

— E não se ponha à minha procura — avisou-a Archer —, que eu vejo-a na mesma.

Spade acompanhou Miss Wonderly à porta que dava para o corredor. Quando voltou para junto da secretária, Archer debruçou-se sobre as notas de cem dólares.

— Calham mesmo bem — murmurou com satisfação. Pegou numa, dobrou-a e enfiou-a num bolso do colete. — E na mala dela havia mais.

Spade meteu a outra nota no bolso, sentou-se e comentou:

— Vamos lá a ver, não abuses. O que é que achaste dela?

— É engraçada! E ainda me dizes para não abusar. — Archer deu uma gargalhada grave. — Talvez a tenhas visto primeiro, mas eu fui o primeiro a falar com ela. — Enfiou as mãos nos bolsos das calças e baloiçou-se sobre os calcanhares.

— Pensas que vais fazer gato-sapato dela. — Spade fez um sorriso largo e matreiro. — Não és nada parvo, não — e começou a enrolar um cigarro.